



BRÁS CUBAS E BENTINHO: UMA INTERSEÇÃO ENTRE DISCURSOS SILENCIOSOS

BRÁS CUBAS AND BENTINHO: AN INTERSECTION
BETWEEN SILENT SPEECHES

Leonardo Bruno de Sousa ¹
Universidade Nilton Lins

Resumo: Esta pesquisa investiga os discursos silenciosos dos personagens Bentinho e Brás Cubas e visa aprofundar, enquanto criação e linguagem literárias, os estudos acerca de ambos. Dominadores da fala, os protagonistas das *Memórias* e de *Dom Casmurro* além de impossibilitarem, na narrativa, o clamor de outras vozes, também se mostram incompletos em seus discursos, sujeitos e subordinados a uma adequação social que os impede de revelarem seus genuínos desejos. Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo identificar através das vozes narrativas dos personagens, com ênfase naquilo que não é dito, os pontos de interseção que unem a visão de mundo e de sociedade dos personagens narradores. Esses pontos se baseiam no contexto histórico similar de ambos, na observação do homem do segundo reinado e no monopólio da linguagem. Contemporâneos afins, Brás Cubas e Bentinho são personagens de um Brasil escravagista, no entanto, afeito às ideias modernas e científicas oriundas do então prolífico século XIX. Essas relações de contexto político e social são indispensáveis para a plena compreensão dos personagens machadianos e servem de focos analíticos fundamentais para o desenvolver da pesquisa. Os estudos anteriores, presentes na bibliografia crítica do escritor fluminense, dão a sustentação necessária para o progresso satisfatório do estudo. Para isto, o tipo de metodologia foi a bibliográfica, fundamentando-se nos pressupostos teóricos dos seguintes autores: Pereira (1938), Cândido (1963), Bosi (1976), Faoro (1976), Schwarz (1990),

¹ Endereço eletrônico do autor: 82leobruno@gmail.com

Freitas (2001) e Seixas (2017). Suas contribuições teóricas acerca de Machado de Assis dão a substância primeira para o progresso da análise. Os resultados obtidos possibilitam a abertura de novas interpretações sobre os personagens, direcionando o seu foco de interseção para as evidências implícitas no discurso dos protagonistas.

Palavras-chave: Bentinho, Brás Cubas. Interseção, Discurso.

Abstract: This research investigates the silent speeches of the characters Bentinho and Brás Cubas and aims to deepen the studies on both creation and literary language. Masters of speech, the protagonists of the *Memórias* and *Dom Casmurro*, beyond make impossible, in the narrative, the clamor of other voices, are also incomplete in their speeches, subjects and subordinated to a social adequacy that prevents them from revealing your genuine desires. In this sense, the research aims to identify through the narrative voices of the characters, with an emphasis on what is not said, the points of intersection that chains the narrator characters' view of the world and society. These points are based on the similar historical context of both, the observation of the man of the second reign and the monopoly of language. Similar contemporaries, Brás Cubas and Bentinho are characters of a slave-holding Brazil, however, accustomed to modern and scientific ideas from the then prolific 19th century. These relations of political and social context are indispensable for the full understanding of Machado's characters and serve as fundamental analytical focuses for the development of the research. Previous studies, present in the critical bibliography of the writer from the Rio de Janeiro, provide the necessary support for the satisfactory progress of the study. To do this, the kind of methodology was bibliographical, based on the theoretical assumptions of the following authors: Pereira (1938), Cândido (1963), Bosi (1976), Faoro (1976), Schwarz (1990), Freitas (2001) and Seixas (2017). The obtained results allow the opening of new interpretations about the characters, directing their intersection focus for the evidence implicit in the protagonists' discourse.

Keywords: Bentinho, Brás Cubas. Intersection, Speech.

INTRODUÇÃO

Machado de Assis é um escritor de lacunas. As obras aqui analisadas foram formadas na fase realista, mais especificamente em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, e são exemplos de uma literatura que dialoga com o leitor fornecendo-lhe somente aquilo que o narrador quer mostrar, sem, entretanto, admitir a confiabilidade e a ambiguidade dessas vozes.

O escritor é célebre por criar histórias admiráveis que se estruturam a partir de narradores em primeira pessoa que contam, por meio da memória, suas vidas, perspectivas e análises sobre o mundo, situações e pessoas, e guiam

o leitor a um passeio sobre pântanos morais, psicológicos, sociais e culturais, abordando temáticas de caráter universal como amor, ciúme, inveja, frustração, entre outros.

A sociedade brasileira do final do século XIX serviu de laboratório para essas estórias, com seus cidadãos munidos de desejos, visões de mundo e objetivos, representados como símbolos de uma cultura e de um tempo. Sociedade essa fundada em insistentes tradições escravagistas e paternalistas, que por muito tempo iriam moldar o seu caráter.

Desta forma, a presente pesquisa busca outro olhar sobre dois personagens basilares de Machado de Assis: Bentinho e Brás Cubas. O artigo analisa desde o contexto que os moldou até os sonhos que os motivaram, sempre sob o ponto de vista da influência do estrato social de ambos, do próprio padrão de conduta dos indivíduos daquela época e do domínio da linguagem.

A obra machadiana, além dos traços realistas e da perspicaz ironia, apresenta-nos personagens que detêm o monopólio da linguagem e do discurso, por isto os manipulam a seu bel prazer. A partir dessa manipulação, as verdades proferidas pelos protagonistas passam pelo crivo da conveniência deles mesmos, tornando-as não confiáveis. Em vista disso, cabem aos leitores encontrar nos meandros sugestivos dos personagens machadianos suas verdadeiras motivações e anseios, escondidos sob uma conduta adequadamente social.

Portadores do espírito de uma época, Brás cubas e Bentinho não são, por intermédio das palavras que nos contam, os melhores representantes de homens íntegros e honrados. Pelo contrário, portam-se incontrolavelmente comandados por suas paixões, seja a ambição, o ciúme ou a inveja.

Dito isso, Bentinho e Brás Cubas, dominadores do discurso e contemporâneos da vida social, trazem consigo elementos em seu contexto e

linguagem que vão aproximá-los e explicá-los para além dos estudos já realizados sobre esse tema. Esses elementos que os unem e que são ofuscados seja pela dinâmica social imperativa, seja pela conduta padrão do indivíduo do século XIX, seja pelo monopólio da linguagem, são a problemática do artigo. São os ditos não ditos, as atitudes superficiais e as vozes veladas, ofuscadas por outros elementos imperativos, sejam eles contextuais, de indivíduo ou da própria linguagem. O que eles querem dizer de fato? O que os familiariza no que querem dizer?

Dessa maneira, o objetivo deste artigo é identificar através das vozes narrativas dos personagens Brás Cubas e Bentinho, com ênfase naquilo que não é dito ou ofuscado, os pontos de interseção que unem a visão de mundo e de sociedade dos personagens narradores.

Especificamente, o artigo busca verificar a relação entre sociedade e indivíduo, personagens e monopólio da linguagem, de modo que se possa estabelecer uma relação primária entre Bentinho e Brás Cubas à luz da compreensão desses três elementos analisados nas partes que compõem este artigo.

O presente estudo fornece a possibilidade de ampliar as percepções sobre a escrita machadiana e adentrar ainda que de forma incipiente, em novos meandros e sinuosidades, identificando e discernindo pontos e traços ainda não analisados, ou ao menos pouco investigados dentro das características similares entre as condutas e ações dos personagens narradores Bentinho e Brás Cubas.

O primeiro foco do artigo analisa o contexto social do segundo reinado, suas camadas sociais, classes e estamentos, visando situar os personagens a um lugar, com seu ritmo e regras pré-estabelecidos. Para isto, a obra de Raimundo Faoro, *A pirâmide e o trapézio*, escrita em 1976, foi utilizada como base de estudo.

O segundo foco ainda estudando o contexto social, aproxima como elemento de concordância entre os personagens, a própria conduta típica do

homem da época. Para isso, as observações de Roberto Schwarz, no livro *Um mestre na periferia do capitalismo*, Alfredo Bosi, em *Brás Cubas em três versões*, e Lúcia Miguel Pereira, em *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico* foram determinantes.

O terceiro foco de investigação é a busca pelo elo entre os dois personagens, a linguagem e o poder que ela carrega. Para esta análise, os estudos de Alfredo Bosi, Roberto Schwarz e Antônio Cândido, que focam nos personagens e suas naturezas foram de fundamental importância.

1 AS CLASSES E OS ESTAMENTOS: O PRESTÍGIO NO OLHAR DO OUTRO

O final do século XIX foi uma época de efusivas transformações na sociedade e grandes avanços nas mais diversas áreas das ciências humanas. A Revolução Industrial consolidara-se como o ritmo mais adequado de vida em sociedade e nesta nova cadência escravos não eram mais úteis do que operários.

Entretanto, no Brasil vivia-se um modelo anacrônico ao que se tornara a nova dinâmica social na Europa e nos EUA. Aqui ainda imperava a sociedade escravagista, que decretava seus costumes e tradições a partir da ótica Casa-grande e senzala. Mesmo que os ideais positivistas tivessem aportado por terras tupiniquins, juntamente com outros oriundos da Europa, estes somente eram delegados a uma classe ínfima que os absorvia como homens de uma cultura escravo e senhor.

Nesta condição social, regida por determinações estabelecidas, desenvolvem-se os personagens machadianos, típicos homens do seu meio. Neste sentido, Bosi afirma:

A psicologia das personagens adquire enorme importância aos nossos olhos, exatamente porque é a psicologia de classes sociais inteiras, ou pelo menos de certas camadas sociais; e sendo assim, podemos verificar que os processos que se desenvolvem na alma das diferentes personagens são o reflexo conseqüente do movimento histórico a que pertencem. (BOSI, 1999, p. 13).

Segundo Faoro (1976. p. 52), o homem do segundo reinado não está satisfeito nem conformado com o passo que o progresso lhe proporcionara. Ele quer tudo depressa, sabe que a própria eletricidade cederá lugar para uma força nova. Falsa é a imagem do Segundo Reinado da vida sem pressa, vagarosa, indiferente à velocidade.

É neste ritmo de velocidade constante que os personagens de Machado de Assis se desenvolvem. Frutos da Revolução, seja ela a Industrial ou a Francesa, Bentinho e Brás Cubas representam-nas de maneira exemplar no correr de suas ações, sempre seguindo a máxima do pai de Brás de que os homens valem de diferentes modos, e o mais seguro é valer pela opinião de outros homens.

Brás Cubas é filho da aristocracia da época e herdeiro de uma família abastada. Sua infância foi marcada por caprichos e superproteção patriarcal. Sob a conivência de seus pais, maltratava empregados, era ardeiro com as visitas e desrespeitava adultos. Em tudo o mais era um típico filho de senhores de escravos, mimado e imaturo, acostumado a ter sempre razão e pouco afeito à autocrítica.

Na adolescência envolve-se com a prostituta chamada Marcela, *que o amou durante quinze meses e onze contos de réis*. Mais à frente, durante sua vida adulta, após retornar de uma viagem forçada a Portugal empreendida pelo pai a fim de afastá-lo de Marcela, Brás Cubas, um pouco menos imaturo, objetiva algo a mais do que a saciedade dos desejos. Diz:

Vim. Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova. Não era efeito da minha pátria política; era-o do lugar da infância, a rua, a torre, o chafariz da esquina, a mulher de mantilha, o preto do ganho, as coisas e cenas da meninice buriladas na memória. Nada menos que uma renascença. O espírito, como um pássaro, não se lhe deu da corrente dos anos, arrepiou o voo em direção da fonte original. E foi beber da água fresca e pura, ainda não mesclada do enxurro da vida. (ASSIS, 2010, p.85)

Desta forma, sob estes novos desígnios, Brás Cubas parte rumo aos seus objetos de desejo. Anda sobre a terra com um olhar na fantasia erótica e outro na ascensão social plena, formada não somente pelo elo econômico, mas, também, pelo ápice do prestígio, conquistado através do olhar do outro. No trecho abaixo retirado do capítulo III, das *Memórias*, diz:

O fundador da minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que começa verdadeiramente a série de meus avós – dos avós que a minha família sempre confessou -, porque o Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro, e talvez mau tanoeiro, ao passo que Luís Cubas estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei Conde da Cunha. (ASSIS, 2010, p. 26).

Brás Cubas valoriza a origem de sua família somente a partir da ascensão de Luís Cubas, que estudou em Coimbra e foi amigo do rei. Enquanto Damião Cubas, apesar de exitoso economicamente, era apenas um tanoeiro, e até um mau tanoeiro.

Rumo à sua empreitada maior, Brás Cubas envolve-se em um romance com Virgília, esposa de Lobo Neves, com quem possui uma rivalidade velada, não somente em relação à mulher, mas, também, em relação ao status social de ambos. Virgília casa-se com ele em detrimento de Brás Cubas, e a causa é a

posição social de Lobo Neves, maior e de mais prestígio do que a do protagonista das *Memórias*.

O protagonista de *Brás Cubas* reflete de maneira pormenorizada e invasiva, essa busca pela ascensão social e o prestígio do olhar do outro. Alfredo Bosi, numa síntese sobre a ideia de Faoro acerca do viés social dos personagens, diz:

Faoro desenvolveu o seu estudo em torno da ideia de um Brasil entre patriarcal e capitalista, tradicional, mas já em vias de modernização: uma sociedade ainda em formação, onde as classes proprietárias aspiravam a ocupar também as camadas altas na hierarquia dos estamentos. O nosso rico Brás deseja ser ministro de Estado (o velho Cubas o exortava a primar na política) ou galgar os píncaros da fama com a invenção do seu emplastro anti-hipocondríaco. Lobo Neves acalenta o sonho de ser marquês; assim, Virgília seria marquesa, veleidade que motivou a sua primeira ruptura com Brás... [...]

Desejam virar titulares do Império. A ambição de obter status e aparentá-lo dá-lhes traços comuns, típicos, segundo os classificaria a sociologia weberiana, uma das matrizes do pensamento de Raimundo Faoro. (BOSI, 1999, p. 36).

Do outro lado, e nem tão distante, mostra-se Bentinho. Também parte da elite carioca do segundo reinado, o protagonista de *Dom Casmurro* integra uma posição confortável na pirâmide social da qual faz parte.

Filho único de uma família com boas condições financeiras, Bento Santiago, assim como Brás Cubas, possui todo o amparo possível por parte de seus tutores, sua mãe e o agregado José Dias, e vai utilizar todas as benesses que a vida lhe proporcionou em proveito próprio, refletindo em seu discurso e narrativa. A manipulação do discurso apresenta-se logo nas primeiras palavras e recomendações do narrador sobre o significado de seu nome:

Não consulte dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que lhe dão, mas no que pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando!

Também não achei melhor título para a minha narração. Se não tiver outro daqui até o fim do livro, vai este mesmo.” (ASSIS, 2016, p. 11).

Bentinho integra a mesma gaveta social da qual faz parte Brás, são integrantes privilegiados da pirâmide social do Brasil da época, mas que se sentem frustrados por não integrarem a parte do trapézio social, essa destinada aos que, além de prestígio econômico, possuem, também, prestígio social.

Em suma, ambos os personagens, subjugados a uma moral de classes e estamentos, de prestígio e desprezo, de honra e ignomínia, mesclam-se e confundem-se, justamente, em seus reais desejos e sonhos, que ofuscados pela carcaça social da qual fazem parte, relativiza-os enquanto seres morais.

Raimundo Faoro desenvolve em seus trabalhos sociológicos sobre o Brasil, um conceito que tomou emprestado de Max Weber: o de estamentos. Faoro identificou a sociedade brasileira como uma sociedade de estamento patrimonialista, onde o poder público era usado para fins de caráter privado e não para o bem coletivo. Prosseguindo seus estudos sobre a sociedade brasileira e adaptando-os aos personagens machadianos, na obra *A pirâmide e o trapézio*, o crítico identifica os estamentos (trapézio) e as classes (pirâmide), partes integrantes de seu estudo das situações dos personagens do narrador e da mentalidade das classes e dos grupos de status do Brasil do segundo reinado. Diz:

Nitidamente, há uma estrutura de classes – banqueiros, comerciantes e fazendeiros – sobre outra estrutura de titulares, encobrendo-a e esfumando-lhe os contornos. É a camada da penumbra que decide os destinos políticos, designa deputados e distribui empregos públicos. São as “influências”, os homens que mandam, que se entendem com os executores e dirigentes das decisões do Estado. Duas faixas se separam, com clareza, no conteúdo e no conceito, na ação social, não raro entrecruzando-se e se confundindo. Para simplificar e com antecipação: a classe em ascensão coexiste com o estamento; muitas vezes, a classe perde sua autonomia e desvia-se de seu destino para mergulhar no estamento político, que orienta e comanda o Segundo Reinado. (FAORO, 1976, p. 4).

Dessa maneira, a sociedade em que os personagens de Machado vivem é composta por camadas de prestígio e poder. De um lado, os componentes das classes (pirâmides), que são os comerciantes, banqueiros e políticos emergentes. De outro, os estamentos (trapézio) que são a camada mais nobre e que decide, mesmo que na surdina, o ritmo com o qual a sociedade desenvolve-se.

É nesta ânsia pela autoridade advinda do prestígio de uma posição social que Brás Cubas e Bentinho vivem suas histórias. Brás na sua busca incansável por um lugar em um ponto mais alto da vida política, pois desta forma obteria nos ditames da sociedade de então o caminho mais rápido para adentrar o restrito mundo do trapézio social; e, também, em sua obsessão pela criação de emplastro milagroso, uma espécie de panaceia para todo o tipo de mal, “um emplastro anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade.”(ASSIS, 2010, p. 24).

No mesmo ritmo vem Bentinho, com seu falatório defensivo e conjecturas repletas de convicção, reafirma-se como elemento cidadão de seu nicho, que não cede às pressões impostas a sua pessoa, a partir das evidências mostradas em sua história e que, certo de suas palavras, mostra-se a cada certeza proferida a evidência de que, assim como seu irmão Brás Cubas, não aceita a sua devida posição social e almeja, mesmo que por meios escusos, ocultar a sua insignificância com ares de grandeza.

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu melhor amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se enganando-me... A terra lhes seja leve! Vamos a história dos subúrbios. (ASSIS, 2016, p. 229).

Dessa forma, como iguais, Bento e Brás Cubas assemelham-se principalmente naquilo que ocultam para o mundo, e, sob o ponto de vista

contextual/histórico, familiarizam-se como homens reféns de seu tempo e espaço, e que buscam, mesmo que de forma velada (pelo menos, nos propósitos explicitados pelos personagens), um patamar na escala social, da pirâmide e do trapézio, das classes e dos estamentos, com o intuito mais pelo simples apreço alheio do que a elevação social, de fato. São dois iguais que têm como elementos-irmãos inseguranças e carências que são ofuscadas pelo domínio e monopólio do ponto de vista e das perspectivas mostradas aos leitores.

2 A PERSONA EM DUAS NATUREZAS: A MARCA DA ACEITAÇÃO ALHEIA NO DESENVOLVIMENTO DO HOMEM DO SEGUNDO REINADO

A obra de Machado de Assis, principalmente sua segunda fase, está intimamente paralela à dinâmica social que o Brasil do segundo reinado seguia. E o perfil psicológico de seus personagens, ainda que munido de inovações narrativas e estéticas, também estava alinhado ao pensamento nacional e preponderante da elite da época.

Machado, através de um olhar perspicaz, deu-nos por meio de seus personagens da segunda fase o panorama social de uma época. Delimitou através da ação de seus protagonistas os contornos que marginalizavam a nossa sociedade de então. Seus atos e ações compõem paradoxalmente suas omissões enquanto indivíduos sociais, porque seus sonhos e desejos, aquilo que anseiam, nunca estão relacionados com a honestidade dos sentimentos, mas com a concordância e aceitação do outro. É uma espécie de ritmo ditado por uma força externa, que subordina o próprio ego dos personagens à cadência do mundo urbano. Neste sentido, Schwarz afirma:

A estatura apequenada das personagens masculinas deve-se à preponderância do acaso e da opinião dos outros em decisões ditas – grave e enfaticamente – autônomas. Esta discrepância não resulta dos

constrangimentos do adultério, não desaparece com eles, nem se limita a seu âmbito. Brás é romântico da mesma forma perfunctória como é liberal, cientista, filósofo, político ou poeta: para acompanhar os tempos, segundo as prerrogativas da própria posição e sem a disciplina exigível. Trata-se um modo geral de ser, cujo fundamento de classe e vínculo com realidade nacional já podemos indicar [...] (SCHWARZ, 2000, p. 135, 136).

Se contextualmente os protagonistas são regidos pelo desejo compulsório de subirem ao ponto mais alto do trapézio, escondendo-se detrás de ações vazias e palavras automáticas, pelo simples objetivo de agradar às pessoas certas e conseguir sua aceitação, intimamente suas motivações são ainda mais conflituosas.

Suas ações, palavras e desejos são transcritos sob a prévia aceitação alheia, portanto, não devem ser levados como elemento que esclareçam quem eles são de fato. O que mostram são carapuças e personas usadas por conveniência.

Para Schwarz (2000, p.177), os personagens machadianos agiam sob uma volubilidade governada por conveniências e inconveniências de uma posição de classe.

No entanto, enquanto personagens em constante relação com a verdade, deixam mais a confundir do que a explicar, porque não assumem um vínculo com suas próprias histórias, visto que seus discursos expressam o caráter de volubilidade que Schwarz pontua e ofuscam suas particularidades com universalidades.

Ao se referir à dicotomia das duas naturezas nos personagens, Alfredo Bosi analisando Bentinho em *Dom Casmurro*, destaca que:

O narrador Bento Santiago não se poupa a si mesmo aos olhos do leitor, confessando-se inteiro nas suas fraquezas e tentações, com suas quedas pifiamente racionalizadas, seus medos e superstições, sua covardia e promessas descumpridas, seus ímpetos perversos, quando não criminosos, sua autoindulgência em matéria de encontros clandestinos, fazendo, em

suma, de si próprio um retrato que está longe do medalhão refeito de dignidade ou do cavaleiro impoluto.[...] (BOSI, 1999, p. 37).

Da mesma forma que Brás Cubas, Bentinho busca ofertar ao leitor uma camada de si mesmo mais sensível e digna de empatia. Frauda suas atitudes através do relato de vítima enquanto profere veladamente suas sentenças e conclusões sob a falácia da autotransparência que vai, paulatinamente, legitimando dentro da narrativa sua versão.

Esse jogo de manipulação e domínio do discurso, presente em Brás e Bentinho, segundo as palavras de Bosi (1999, p.51) é Machado de Assis, fixando atentamente o Brasil urbano do século XIX, mas pensando como um analista moral do século XVIII pôde ser, para este nosso século XX em agonia, uma voz inquietante que fala baixo, mas provoca sempre. São, novamente, as palavras não ditas escondidas sob o falatório exagerado, que nunca mostram, realmente, o que querem dizer.

Roberto Schwarz, em suas pesquisas sobre a obra machadiana, lega dentro dos estudos do escritor uma faceta de volubilidade não explorada pelos estudiosos até então. O personagem de *Memórias póstumas* é um reflexo do desajuste farsesco entre o ideário burguês liberal-iluminista e as práticas de exploração escravagista executada por grupos oligárquico-rentista. Justapondo, assim, os dois Brasis, no interior dos personagens, heterogêneos por construção.

No livro *Um mestre na periferia do capitalismo*, escrito em 1990, sobre a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o crítico diz:

A fórmula narrativa de Machado de Assis consiste em certa alternância sistemática de perspectivas, em que está apurado um jogo de pontos de vista produzido pelo funcionamento mesmo da sociedade brasileira. O dispositivo literário capta e dramatiza a estrutura do país, transformada em regra da escrita. E com efeito, a prosa narrativa machadiana é das raríssimas que pelo seu mero movimento constituem um espetáculo histórico-social complexo, do mais alto interesse, importando pouco o assunto de primeiro plano[...]SCHWARZ, 2000, p. 11).

Ainda nesse sentido, ao realizarmos o paralelo das ideias das duas naturezas dos personagens, na crítica de Bosi, e do conceito da volubilidade retratado por Scharwrz, pode-se ampliar ainda mais a compreensão dos personagens, estabelecendo ligação com as considerações feitas por Antônio Cândido no ensaio *Dialética da malandragem*, publicado em 1970. Apesar de não ser uma análise específica da obra de Machado de Assis, o ensaio estabelece focos interpretativos que servem aos personagens machadianos, especialmente no que consiste ao seu conceito de *Dialética da ordem e da desordem*, que funciona como manifestação concreta das relações humanas e na relação com o seu meio (CÂNDIDO, 2004, p.9).

Tal qual o conceito de Cândido se apresenta, Bentinho e Brás Cubas enfrentam a rotina de suas vidas pautados, mesmo que inconscientemente, no limiar moralmente perigoso do lícito e do ilícito, do moral e do imoral, porque ofuscados pela posição privilegiada que ocupam – ainda que busquem mais – ambos agem, como diz Cândido (2004, p.13), em uma mundo hierarquizado na aparência, mas que se revela essencialmente subvertido. Brás Cubas e Bentinho posicionam-se entre incursões ora ao polo da ordem, estas objetivadas pelos anseios a altos cargos e prestígio social; e ora ao polo da desordem, que se mostra nas relações e pensamentos adúlteros dos protagonistas e nas condutas vis que assumem no decorrer de suas respectivas estórias. Diz:

Ordem e desordem, portanto, extremamente relativas, se comunicam por caminhos inumeráveis, que fazem do oficial de justiça um empreiteiro de arruaças, do professor de religião um agente de intrigas, do pecado do Cadete a mola das bondades do Tenente-Coronel, das uniões ilegítimas situações honradas, dos casamentos corretos negociatas escusas. (CÂNDIDO, 2004, p.12)

Embora Brás Cubas e Bentinho, por serem os detentores do monopólio da linguagem, queiram afirmar-se como cidadãos decentes e de prestígio, um outro lado de suas facetas mostra-se sempre contrário a essa ideia. É, pois, o lado que transita no polo negativo da desordem, aquele em que a complexidade dos personagens aparece em primeiro plano, revelando muito mais do que as convenções das aparências, mas, sobretudo, os traços que dão o sentido profundo a suas personalidades e o balanceio caprichoso entre ordem e desordem, e como lidam com isso.

Desta forma, a relação existente e substanciada pela dicotomia *Ordem versus Desordem* faz preponderar nas ações dos personagens o caráter de suas verdadeiras naturezas, aquele que no embate entre a força de equilíbrio, que mantém certa ordem, e a força de desequilíbrio, que desestabiliza, revela-se como o único possível, visto que entra em concordância com os conceitos de duas naturezas e de volubilidade. Por isso, se esta se concentra na inconstância e na mobilidade do homem do segundo reinado, que tal qual seu contexto divide-se entre a contradição escravagismo e modernidade; aquela por tratar-se de duplas naturezas vem a servir como conteúdo perfeito ao molde social no qual está submetida.

A fragilidade das relações que Bentinho e Brás Cubas vêm a manter ao longo de suas narrativas reforça a ideia de indivíduos pouco afeitos à profundidade dos afetos, sujeitos que se equilibram numa espécie de vácuo entre a ordem e a desordem das interações. Em qualquer nível que se analisem as relações dos personagens, sejam de afetos, sejam de convívio social, fundamentam-se sobre uma tênue superfície relacional. Assim como o protagonista das *Memórias*, que além de um caso adúltero com Virgília e outros superficiais com demais mulheres, entre elas uma prostituta, assim também Bentinho, o protagonista de *Dom Casmurro*, estabelece sua rede de contatos regulada pelo distanciamento de uma ligação preconizada pela frieza dos

sentimentos. Nem mesmo a relação entre Bentinho e Escobar, que oriunda da pena do protagonista advogado parece-nos, no início, soar pura e verdadeira, quando analisada sob o viés da revelação dessas vozes dissimuladas começa a fazer-se envolta em interesses egoístas, tais como a admiração comparativa que Bentinho faz entre seu amigo e si mesmo. Talvez, ainda que sob a advertência de investigações futuras mais incisivas, a aparente única relação de afeto verdadeiro seja a que se baseia nas relações dos pares protagonistas com seus pais e mães.

Nesse frenesi de relações que se complementam sobre finas camadas de afeto em que os donos das narrativas se fazem controladores das direções tomadas, a dinâmica da ordem volta-se para os anseios verdadeiros e consistentes, exemplificados no almejo ao topo do trapézio social e na obtenção do tão desejado prestígio; por outro lado, a dinâmica da desordem fundamenta-se nas entrelinhas das vontades obscuras dos dois, nas sombras que permeiam, por diversas vezes, os pensamentos dos protagonistas, e, sobretudo, na paranoia, na dissimulação e na parcialidade latentes nos relatos dos narradores. São, pois, filhos de uma tênue linha que tenta se manter equilibrada entre o prestígio da ascensão social e a decadência da imoralidade das ações. São indivíduos que se constroem sob este prisma: o polo da ordem e o polo da desordem. Conclui Cândido (2004, p.10), “Poderíamos dizer que há, deste modo, um hemisfério positivo da ordem e um hemisfério negativo da desordem, funcionando como dois ímãs que atraem.”

Logo, quando Bentinho e Brás Cubas buscam validar seus argumentos perante o leitor, eles estão, antes de tudo, fazendo-se valer de suas condições enquanto integrantes de um nicho específico representativo dos indivíduos que compunham a casta mais privilegiada da sociedade de então, e que sabem que o prestígio da aceitação alheia é o tesouro mais valioso e o caminho mais

adequado para que o anseio de tornarem-se homens prestigiados de seu tempo seja conquistado.

Seus atributos, sejam eles positivos ou negativos, refletem primeiramente as qualidades que mais sensibilizam o leitor. Brás Cubas, apesar de leviano, acomodado e boa vida, sempre que tem a oportunidade de expor em seus discursos falatórios carregados de falsa compaixão e bondade (vide os capítulos sobre a equivalência das janelas e da moeda de ouro) ele o faz. Desta forma, pretende alcançar através da dissimulação do sentimento, a aceitação do outro e a absolvição moral e humana que, na surdina, realmente espera obter por parte de seus pares.

Bentinho segue um rumo parecido. Apropriando-se de sua habilidade como advogado, e, por natureza de formação, apto a convencer seu interlocutor, tenta contornar e conduzir os caminhos pelos quais seu discurso atravessa. Essa condução, repleta de floreios morais, assim como em Brás Cubas, objetiva ofuscar com pinceladas de retórica vitimizante a sua real natureza opressora. A gaveta na qual Bentinho se coloca, em paralelo a sua relação com Capitu, é uma gaveta intocável e livre de desconfianças, posto que todas são direcionadas à mãe de seu filho.

Com efeito, as situações narradas pelos protagonistas das *Memórias* e de *Dom Casmurro* são, de certa forma, fantasias que servem a um único propósito: o de convencer o interlocutor de sua idoneidade. O interlocutor, no caso, serve como um alargamento dos próprios indivíduos do Rio de Janeiro do final do século XIX, e assume o papel de juiz moral das ações dos protagonistas, visto que ambos já desacreditados por seus contemporâneos sociais, apegam-se desesperadamente à consciência julgadora do leitor, a fim de obter por parte dele sua absolvição.

Dado o exposto, fica claro, portanto, que ambos os personagens, integrantes da malha social do fim do século XIX, dominadores do discurso e

das perspectivas, devotos do mesmo sentimento de pertencimento de mundo e, apesar de abastados financeiramente, ainda reles indivíduos sem lugar no trapézio social almejado, buscam, acima e antes de tudo, a aceitação por parte do outro conquistada através do arrojamento do discurso e da palavra. Buscam no leitor aquilo que não conseguiram advindo de seus pares urbanos, como uma última cartada argumentativa frente à remissão moral. No entanto, caminham constantemente por polos distintos de moralidade e imoralidade, licitude e ilicitude, explicitando em si mesmos um legado cultural de nosso país, muito bem explorado por Cândido (2004, p.11), quando este diz que o indivíduo oscila entre a ordem estabelecida e as condutas transgressivas, para finalmente integrar-se na primeira, depois de provido da experiência das outras.

3 A LINGUAGEM MACHADIANA E OS PIPAROTES ESCUSOS DE BRÁS CUBAS E BENTINHO

A linguagem assume um protagonismo até então inédito nas letras brasileiras com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em 1880, lapidada em *Dom Casmurro*, em 1899

A criação de personagens complexos psicologicamente, pensadores constantes de sua vida e seu meio, aliados a um narrador que constantemente dialoga com o leitor, e não só isso, estimula o próprio leitor a refletir também, seja sobre os personagens, seja sobre si mesmo, torna o terreno da linguagem uma seara de possibilidades estilísticas e linguísticas infinitas. Abarca, além dos devaneios de verborragia discreta, típicos de Machado, também um aspecto filosófico e até mesmo existencialista que impera na surdina do muro formado pelas lacunas machadianas, e que só pode ser transpassado através da leitura sensível e da descoberta do enigma que acoberta todos esses olhares.

Alfredo Bosi, no livro *Enigma do Olhar*, escrito em 1999, inicia sua compreensão e análise da obra machadiana questionando se ainda se fazem necessárias mais análises sobre o texto, passados, na época, quase um século da morte do escritor, e se “um século de leituras não terá descido ao fundo da questão examinando-a pelos ângulos biográfico, psicológico, sociológico, filosófico e estético?” (BOSI, 2000, p. 10).

Mais à frente, o crítico responde que não. Apesar das inúmeras análises realizadas pelos mais diversos e competentes estudiosos, ainda havia, toda a vez que ele voltava aos escritos do *Bruxo de Cosme velho*, um hiato entre os conceitos da crítica e as figuras do texto-fonte. E que havia, na linguagem dos personagens, uma representação de um olhar que não era estático. Expõe:

Olhar tem a vantagem de ser móvel, o que não é o caso, por exemplo, de ponto de vista. O olhar é ora abrangente, ora incisivo. O olhar é ora cognitivo e, no limite, definidor, ora é emotivo ou passional. O olho que prescrua e quer saber objetivamente das coisas pode ser também o olho que ri ou chora, ama ou detesta, admira ou despreza. Quem diz olhar, diz, implicitamente, tanto inteligência quanto sentimento. [...] (BOSI, 2000, p. 10).

O crítico faz paralelo com o ambiente urbano e a sociedade que vigorava na época, com tudo o que esta mesma sociedade produzia, seja como indivíduos que flertavam com a modernidade emergente, conquistada pelo sonho prometido pela Revolução industrial e científica dos dias de então, seja pelo elo nefasto de uma sociedade ainda escravagista, que, presa aos ditames do atraso vigorante da dinâmica Casa-grande e Senzala, não se sabia se era moderna ou atrasada, num contínuo esquizofrênico e, ao mesmo tempo, enriquecedor, sob o ponto de vista da criação de personagens literários.

Para Bosi, “o que marca a singularidade das Memórias póstumas é o modo pelo qual a presença do narrador, junto aos fatos, dobra-se em autoconsciência” (2006, p. 9). Essa autoconsciência, alimento principal da

linguagem machadiana, é que capta todas as particularidades do ambiente urbano e mescla-as às particularidades do elemento humano. O humano, carente de uma harmonia, que, apesar de desejada, é, no entanto, impossível, desfaz-se em pedaços autônomos, que no decorrer da narrativa vão se mostrando cada vez mais convictos de si mesmos e de suas conclusões, numa constante sem volta, sob os olhares auspiciosos do narrador.

Ademais, esse narrador valida os pedaços a todo momento. Cabe ao leitor, num exercício de sutilezas chegar às suas próprias conclusões sobre a validade das vozes e sobre a confiabilidade do narrador. Assim, a linguagem aqui é um artifício de si mesma, e é usada com o intuito de esconder a sua verdadeira natureza. Machado de Assis usa, constantemente, as lacunas no discurso. Utilizando-se da natureza dupla de seus personagens, faz valer as alternativas não escolhidas e as palavras não ditas como elementos enriquecedores da linguagem.

Sob a ótica do estudo dialógico da Linguagem proposto por Bakhtin, em que o sujeito que se depara com outros enunciados, termina por interagir completando-se e delineando-se nesta interação, os personagens de Machado tornam-se exemplos dessas produções de sentido entre o eu e o outro. O filósofo russo revela que nossos atos e ações apenas adquirem valor se forem providos de resposta do sujeito contemplador. Diz:

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, 2003, p. 23).

Como reforço, à luz da literatura psicanalítica, esse comportamento de captar as sutilezas do discurso do desejo inconsciente, estudado a fundo por

Freud, pode em um primeiro momento, embaçar, ainda que muitas vezes propositalmente inconsciente, o próprio entendimento dos personagens sobre si mesmos.

Machado é mestre nisto: captar para seu discurso a cumplicidade do leitor. Uma cumplicidade obtida através das similaridades das imperfeições humanas que existem em todos nós. Isso faz das vozes de Brás Cubas e Bentinho um elo silencioso com todos que, invariavelmente, também se sentem divididos, cindidos e autoconscientes de sua condição. Mas, mesmo assim, desprezam qualquer vínculo que possa desfazer sua invulnerável convicção dos fatos.

Alberto Pinheiro de Freitas, psicanalista, membro da Psicanálise Iracy Dolly, filiada à International Federation of Psychoanalytic Societies, em seu interessante estudo sobre Machado de Assis e Psicanálise, chamado *Freud e Machado: uma interseção entre literatura e psicanálise*, ao analisar o estilo de Machado, diz:

O discurso poético de um grande escritor é a forma disfarçada que ele utiliza para, não só se gratificar, mas, ao oferecer possibilidade identificatória ao leitor, fazê-lo reviver, na comunhão com o herói, sua angústia existencial. A escritura é, em primeiro lugar, um ato narcísico, e em segundo, um ato de generosidade. [...] (FREITAS, 2013, p. 50).

É um ato narcísico porque trabalha em um primeiro e principal momento com o ego, logo, com o inconsciente porque o ego é uma camada que, na psicologia é um princípio de organização dinâmica, diretor e avaliador que determina as vivências e atos dos indivíduos.

E o que vemos tanto em Bentinho quanto em Brás Cubas, é esta disposição (a)moral de privilegiar, sempre em primeiro, o ego, para depois, em conformidade com a segunda natureza, aderir à generosidade, aqui interpretada como um sentimento empático e agregador.

Machado de Assis, no ritmo das duas naturezas, faz através da linguagem e das camadas inconscientes de seus personagens esse jogo de espelhos e reflexos, no qual o narrador em sintonia com o personagem, posto que ambos são o mesmo, vai sutilmente nos fazendo, enquanto leitores enfeitiçados pelo discurso aparentemente descompromissado, crer que o falatório de ambos é uma explanação coerente e racional.

Para Lúcia Miguel Pereira, autora do indispensável livro *Machado de Assis (estudo crítico e biográfico)*, escrito em 1936, e a primeira biografia do escritor fluminense, ao dissecar Dom Casmurro, diz que o personagem Bentinho destoa de Brás Cubas pela vivacidade que os diferencia. Diz ela:

É um drama de amor e ciúme, e o narrador faz o possível para manter a impassibilidade irônica do Brás Cubas, mas não o consegue. Aqui, não são como no Brás Cubas, ideias, a se agitarem em saltos mortais no cérebro. Que dirigem tudo. São os sentimentos, cavando sulcos profundos na alma, que empolgam as personagens. Brás Cubas pensou, Bentinho viveu. Esta é a diferença fundamental entre os dois. [...] (PEREIRA, 2019, p.193).

Há na ideia de “Brás Cubas pensou, Bentinho viveu” uma pista sobre os silêncios dos protagonistas. Brás Cubas, o defunto-autor, envaidece-se dos adornos que sua posição social fornece a si mesmo, no entanto, disfarça através do seu discurso aquilo que, de fato, valoriza: o olhar do outro. O outro aqui é dilatado para além dos personagens do romance e é submetido à legitimidade do próprio leitor que, enquanto já escravo dessa linguagem que parece feita às escondidas, não percebe de imediato e, talvez, nunca perceba, que Brás Cubas quer, na verdade, convencer o outro de sua boa índole.

Como reforço a esta ideia, analisemos o capítulo LI, chamado *É minha!*. Brás Cubas ao mostrar a lei da equivalência das janelas, diz que descobriu a lei da equivalência das janelas, e que o modo de compensar uma janela fechada é

abrindo outra, a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência. [...] (ASSIS, 2010; p.137).

Em suma, uma boa ação, depois uma má ação para equilibrar e fazer valer a lei. É mais uma vez a linguagem machadiana que até em suas supostas obviedades, afirma o bem sabendo que as más e vis atitudes o ocultarão e o relegarão à categoria de palavras vazias, de forma que o bem real, a prática derivada de uma boa índole não aparece plenamente, mesmo que seja este o real intuito do personagem, a linguagem camufla e até mesmo dissimula o real desejo de Brás: ser-se bem visto e amado. A sua relação com Marcela, uma mulher da vida, também denota muito mais do que o desejo sexual da juventude.

Brás Cubas pensa, mas o piparote e o adeus que oferta, no início do livro, àqueles que não apreciam a sua pena da galhofa e sua tinta da melancolia, na verdade é um piparote escuso, um artifício enganador de uma alma que busca internamente um afago quando grita um impropério. Ele pensa, mas pensa o oposto do que faz parecer a linguagem.

Por outro lado, temos Bentinho, aquele que diferente de Brás Cubas vive. Mas viver no caso do protagonista, e no andar que a linguagem segue, é convencer. Bento Santiago é um dominador da linguagem e do discurso, sua formação acadêmica, em Direito, o deixa apto a isso. E não se faz de rogado, durante toda a narrativa e em especial na parte final do livro, em usar com unhas e dentes todos os artifícios benéficos e facilitadores no seu discurso. Mas ele também usa da linguagem e das convicções, principalmente, uma arma poderosa para chegar aonde quer chegar.

Bentinho acusa Capitu daquilo que esconde por baixo de sua segunda natureza. Acusa-a do crime que ele mesmo comete, e beneficia-se da linguagem machadiana para esconder, tal qual Brás Cubas, aquilo que, em realidade, quer mostrar.

No trecho abaixo, parte componente do capítulo CXVIII, intitulado *A mão de Sancha*, um momento em que um pouco dessas vozes internalizadas e obscuras de Bentinho tomam dominância em seu discurso:

- Vamos todos? Perguntei por fim

- Vamos.

Sancha ergueu a cabeça e olhou para mim com tanto prazer, que eu, graças às relações dela e de Capitu, não se me daria beijá-la na testa. Entretanto, os olhos de Sancha não convidavam a expansões fraternais, pareciam quentes e intimativos, diziam outra coisa, e não tardou que se afastassem da janela, onde eu fiquei olhando para o mar, pensativo. A noite era clara.

[...] (ASSIS, 2016, p. 194).

Antes que as desconfianças acerca de Capitu fossem explicitadas, o protagonista já projetava para si mesmo o que realmente desejava. O elemento da traição de Capitu, capitaneado pelos ciúmes e o discurso de Bento Santiago, revestidos pela linguagem embaçada e sugestiva de Machado e que não deixa de ser a linguagem de Bentinho também, estimulam essa perspectiva de desfecho dos lugares ignorados da mente de Dom Casmurro.

Em suma, tanto Bento quanto Brás Cubas escondem suas reais intenções através do monopólio da linguagem. Dizem aquilo que não pensam de maneira abundante para poderem ocultar aquilo que pensam de fato, visto que o que pensam de fato é dito esporadicamente, apertado entre os ditos abundantes, mas dissimulados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o exposto, a argumentação foi fundamentada sobre três aspectos: o contexto social imperativo do final do século XIX, o caráter preponderante do indivíduo da época e o monopólio do discurso e da linguagem. Cada um desses

elementos de análise respondeu aos questionamentos problematizados na pesquisa.

No primeiro caso, partiu-se da noção da sociedade do segundo império regida sob a ótica das classes e dos estamentos. Os integrantes do estamento são o braço do Estado patrimonial, regulando a vida econômica do segundo império, aliciando e atraindo homens para o seu círculo de comendas, postos, títulos e status.

O primeiro indício de elo entre os personagens é o mais evidente: são contemporâneos. Mais do que contemporâneos históricos, são, também, de classe. Seus afãs se familiarizam naquilo que almejam, de fato, para si. Mais do que a posição da ascensão social, estabelecida pela inclusão na classe advinda da herança aristocrática familiar, ambos projetam para si mesmos a inclusão no trapézio da sociedade, onde figuram os indivíduos de real prestígio e influência na capital do império.

A obra apresenta-nos indivíduos que estão contextualmente alinhados a um discurso de aceitação alheia, onde o que vale mais é a percepção do outro sobre si e a posição alcançada dentro dos ditames da sociedade de então. Entretanto, não evidenciam os seus objetivos dentro da narrativa, visto que o próprio discurso serve a um propósito diferente, pois pretende convencer não somente os personagens da estória, mas, principalmente, o leitor. Fazem isso, através de vozes silenciosas, que mais do que dizer, sugerem. Eis a primeira interseção entre os personagens: o próprio contexto no qual estão inseridos.

No segundo caso, aspectos de vieses mais introspectivos serviram de linha de investigação e teoria sugestiva dentro da procura pela interseção desses discursos. Trata-se da existência de duas naturezas em ambos os personagens que os subordinam a ações e condutas que servem a objetivos díspares, e mais do que isso, subordinam-se a um ciclo de ordem e desordem que dá movimento à vida dos personagens.

Se por um lado, verbalizam suas elucubrações passivos a uma imperativa força de adequação das condutas, alicerçada pelo rateio entre sociedade e natureza, e conformada ao padrão já estabelecido de conduta moral; por outro lado, os personagens têm, intimamente, outros genuínos desejos que explicam o porquê de Bentinho e Brás Cubas buscarem o topo do trapézio social mais por aceitação alheia do que por ascensão pessoal. Com isso, estabelece-se a segunda interseção: são indivíduos com sonhos e perspectivas semelhantes.

No terceiro caso, a linguagem, ou melhor, o monopólio dela. Bentinho e Brás Cubas são manipuladores do discurso. Enquanto proferem sentenças, conclusões e impropérios, vão sutilmente alternando as peças dos fatos e escondendo-as por detrás de um falso falatório que evidencia a razão através de pontos de vistas únicos e que não abrem oportunidade para outros possíveis e prováveis. O elo que se estabelece entre os discursos dos narradores está no desejo, ainda que velado, que os dois buscam de serem aceitos, logo absolvidos, pelos jurados que ainda lhe restam: os leitores. A terceira interseção, portanto, evidencia-se no uso imperativo que os personagens fazem da própria linguagem estabelecida pelo poder que possuem como narradores solitários de suas histórias. Assim, suas narrações são revestidas de camadas de significações, onde nem sempre a camada mais visível é a mais verdadeira.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 2. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2016.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3 ed. São Paulo. Abril, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução por Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 4 ed. São Paulo. Martins Fontes, 2003.
- BOSI, Alfredo. *Brás Cubas em três versões: estudos machadianos*. 1 ed. São Paulo. Companhia das letras, 2006.
- BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo. Atica, 1999.

CANDIDO, Antônio. *Dialética da malandragem*. In. O discurso e a cidade. Rio de Janeiro. Ouro sobre o azul, 2004.

CANDIDO, Antônio. *Vários escritos: esquemas de Machado de Assis*. 2 ed. São Paulo. Duas cidades, 1977.

FAORO, Raimundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 2 ed. São Paulo. Brasiliense, 1976.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. *Freud e Machado: uma interseção entre psicanálise e literatura*, 4 ed. Rio de Janeiro, 2013.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis: o escritor que nos lê*. 1 ed. São Paulo. UNESP, 2017.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6 ed. Distrito Federal. Senado Federal, 2019.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. 2 ed. São Paulo. 34, 2000.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 24 de março de 2022

Aprovado em sistema duplo cego em: 08 de agosto de 2022